



SETUBAL
MUNICÍPIO PARTICIPADO



© Adriano Miranda

SINFONIA HAFFNER

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Sinfonia N.º 35, KV 385, Haffner (1782-83)

(duração aproximada: 21 min.)

I. *Allegro con spirito*

II. *Andante*

III. *Minuetto - Trio*

IV. *Finale: Presto*

Georges Bizet (1838-1875)

Sinfonia em Dó Maior (1855)

(duração aproximada: 32 min.)

I. *Allegro vivo*

II. *Adagio*

III. *Allegro vivace*

IV. *Allegro vivace*

Na conceção de uma imagem para 2020/2021 que correspondesse aos tempos de exceção que estamos a viver, decidimos colocar a música em diálogo com um discurso imagético que se tornou estranhamente familiar e que se deve à qualidade do nosso fotojornalismo. Ao percorrermos

o extraordinário acervo de imagens publicado na página «EverydayCovid» no Instagram, descobrimos um silêncio que diz muito, pelo modo certo como combina dramaticidade e informação.



A Cidade de Viena em 1783 | Pintura de Johann Ziegler | Fonte Wikimedia Commons

SINFONIA HAFFNER

De uma sinfonia de Mozart espera-se sempre um discurso fluente e perfeitamente planeado. Assim acontece com a Sinfonia N.º 35 em Ré Maior. Foi completada em 1783, pouco tempo depois de o músico se instalar em Viena. Resultou de uma adaptação da partitura que dedicara meses antes à nobilitação do filho de Sigmund Haffner, um seu amigo de infância e uma das personalidades mais influentes de Salzburgo.

Naquele período de apogeu da dinastia dos Habsburgo, Mozart procurava afirmar-se como compositor na cidade de Viena, um meio musical extraordinariamente competitivo. Ocupava quase todo o tempo com a composição da ópera *O Rapto do Serralho*,

reservando a energia restante para os preparativos do seu próprio casamento. Apesar da azáfama, não poderia recusar aquele novo pedido que lhe chegava de Salzburgo. Já antes, em 1776, tinha composto uma importante obra orquestral para a família Haffner, por ocasião do casamento da irmã de Sigmund, a *Serenata Haffner* (KV 250). Desta vez, tratava-se da atribuição de um título nobiliárquico a seu filho. A nova serenata não ficou pronta em tempo útil para participar nas cerimónias, mas foi enviada para Salzburgo em agosto de 1782.

Quando preparava a temporada de concertos do período da Quaresma do ano seguinte, Mozart decidiu recuperar o manuscrito para lhe dar a forma definitiva de Sinfonia. Para lá de eliminar a marcha que abria e encerrava a obra, juntou flautas e clarinetes nos primeiro e último andamentos, dos quatro que hoje

conhecemos. Resultou assim uma composição híbrida que, de alguma forma, retrata exemplarmente esse importante momento de transição na biografia do compositor.

A obra caracteriza-se por uma aparente simplicidade. Todavia, atravessa ambiências tão diversas como a magnificência e jovialidade do primeiro andamento, a beleza bucólica do *Andante*, os ritmos de dança tão característicos da música tradicional austríaca que se escutam no *Minueto* e, por último, o próprio tema principal d'*O Rapto do Serralho* transfigurado numa velocidade vertiginosa. Era uma verdadeira demonstração de perícia da manipulação dos «materiais musicais» à qual ninguém ficou indiferente, inclusivamente o Imperador José II, que presenciou a estreia no Burgtheater a 23 de maio de 1783.

A SINFONIA DE BIZET

Georges Bizet escreveu uma única sinfonia. Trata-se de uma obra de juventude que só veio a ser estreada sessenta anos após a sua morte. Mistura traços de grande leveza, bem ao jeito do classicismo mozartiano, com momentos de intenso lirismo que viriam a revelar-se com esplendor na célebre ópera *Carmen*. Mas para lá do valor artístico, faz prova das competências técnicas que o músico francês já tinha aos dezassete anos de idade. Terá sido composta enquanto exercício de formação e, talvez por essa razão, não tenha sido publicada. Ironia do destino, foi postumamente considerada por muitos como um dos seus trabalhos mais bem conseguidos.

Georges Bizet escreveu esta Sinfonia em Dó Maior em 1855, mas a sua existência não foi conhecida até 1933, e só foi tocada

em 1934, quando o maestro Felix Weingartner a estreou em Basileia, na Suíça. Desde então, entrou no repertório regular das salas de concerto e tem sido objeto de interesse por parte de musicólogos e biógrafos. Pergunta-se, porque razão Bizet nunca fez tocar esta sua partitura? Porque é que nunca a mencionou em qualquer escrito? Porque é que os seus herdeiros não a fizeram publicar? Estas perguntas assumem maior pertinência quando se tem em conta que é hoje consensual a apreciação de que se trata de uma obra admirável de um muito jovem compositor, comparável a outros célebres talentos precoces, tais como Mozart, Schubert e Mendelssohn.

Na realidade, esta sinfonia resultou de um exercício académico. O seu principal incentivo para escrever uma obra instrumental de semelhante fôlego, e com tão prematura idade, terá sido a enorme admiração que tinha por Charles Gounod e

a forma como este conseguiu entusiasmar o meio musical francês com a sua 1.^a Sinfonia. Tal representou, na altura, um desafio à ideia da supremacia da música instrumental germânica. Com efeito, em muitas secções da sua composição, Bizet fez ecoar influências muito concretas daquela composição de Gounod. Mas longe de se tratar de plágio, Bizet assimilou procedimentos de uma forma irrepetível. É, portanto, uma inequívoca manifestação do seu extraordinário génio musical. Ainda assim, não quis assumir plenamente a obra. Escreveu mais tarde que «Gounod é na sua essência um compositor original: se nos limitamos a imitá-lo estamos condenados a permanecer na condição de discípulo». Bizet quis construir a sua própria identidade.

TEXTO DE RUI CAMPOS LEITÃO





JEAN-MARC BURFIN

MAESTRO TITULAR
DA ORQUESTRA
ACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Strasbourg e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburg, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos

seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osiris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar

músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica

complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos

estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



FLAUTAS

ERICK LÓPEZ
ANA CLARA SOUSA
RICARDO CARDOSO
GONÇALO REIS

OBOÉS

NAZARÉ PINTO LEITE
SALOMÉ TOMÁS
PEDRO CAPELÃO
JOÃO BALEGAS

CLARINETES

CARLOS REIS
MARTIM SANTA RITA
NUNO BAPTISTA
EMMA AMORIM

FAGOTES

NUNO MOURÃO
SARA MAIA

TROMPAS

HELENA GABRIELA
LILIANA MARQUES
HUGO MORGADO
CAROLINA MORTE
FILIPE LOPES
LÚCIA MARQUES

TROMPETES

TIAGO SOARES
RUI GIL
MARIA CAROLINA BATISTA
CARLOS LOPES

TÍMPANOS

RODRIGO AZEVEDO

VIOLINOS

LÚCIA SALVADO
ANDRÉ LEAL
BEATRIZ FERREIRA
BEATRIZ TOMÁS
BERNARDO SOUSA
CAROLINA PINTO RIBEIRO
CLARA RAMOS
CRISTIANA HERCULANO
FILIPA OLIVEIRA
FRANCISCA BONACHO
INÊS AVELAR
INÊS FERREIRA
INÊS MARQUES
INÊS NOGUEIRA
JOÃO MARTINS
JOSÉ RIBEIRO
LIA CARIDE
LUÍS RICARDO
LUÍS SANTOS
LUÍSA SEMEDO
MARGARIDA GRAÇA
SIMÃO MASON
SÓNIA FIGUEIREDO
XAVIER PEREIRA

VIOLAS

ANA ALEXANDRA RUSSO
ANDRÉ TEIXEIRA
EDNEY FÉLIX
LEANDRO NAMORA
SARA VALENTIM

VIOLONCELOS

ANDRÉ ALVES
ANDRÉ CASAL
BEATRIZ LOUSAN
JOANA ROSA
GABRIELA LEITE
LÍVIA MENDES
MARGARIDA ALMEIDA
TIAGO MIRRA

CONTRABAIXOS

GUILHERME REIS
JOÃO LOBO

METROPOLITANA

TEMPORADA
2020 | 2021

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CONCERTO DE ANO NOVO

VALSAS, MARCHAS, POLCAS E OUTROS SORTILÉGIOS MÚSICAIS

SEXTA 1 JANEIRO - 11H00 / 17H00 GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

SÁBADO 2 JANEIRO - 11H00 AUDITÓRIO MUNICIPAL AUGUSTO CABRITA, BARREIRO

SEXTA 8 JANEIRO - 20H00 CNEMA, SANTARÉM

DOMINGO 10 JANEIRO - 16H00 FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI, SETÚBAL

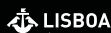
Sebastian Perłowski Maestro

© Marcelo Albuquerque / Metropolitana

CCB



FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA “MÚSICA E CIÊNCIA”



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências